

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA

RITA

A FERASINHA AMANSADA

POR ANÃO SABICHÃO



S pombos correios que fazem o serviço da minha correspondência, trouxeram-me, aqui há tempos, uma carta que de veras me interessou.

Era o tio duma Terezinha muito rabinha que me escrevia.

Contava-me êle que a sobrinha se tornara

assim indomável, à força de mimos que a mãe, — uma senhora viuva, — lhe dera.

Só tarde, ela vira o mau resultado da sua fraqueza pela filha e agora assustava-se, sem poder ter mão na ferasinha que criara.

Resolvi tomar à minha conta aquêle diabrete.

Mas como transformar tal demonico?

E' o que os meus meninos vão ver.

No meu avião sem motor, dirigi-me à quinta, onde vivia o tio da Terezinha.

Escusado será dizer que fui recebido lindamente. Ficou radiante com a trama que eu magi-cará para curar a insúportavel sobrinha.

Aconselhado por mim, mandou logo um convite para ela vir passar um tempo à quinta.

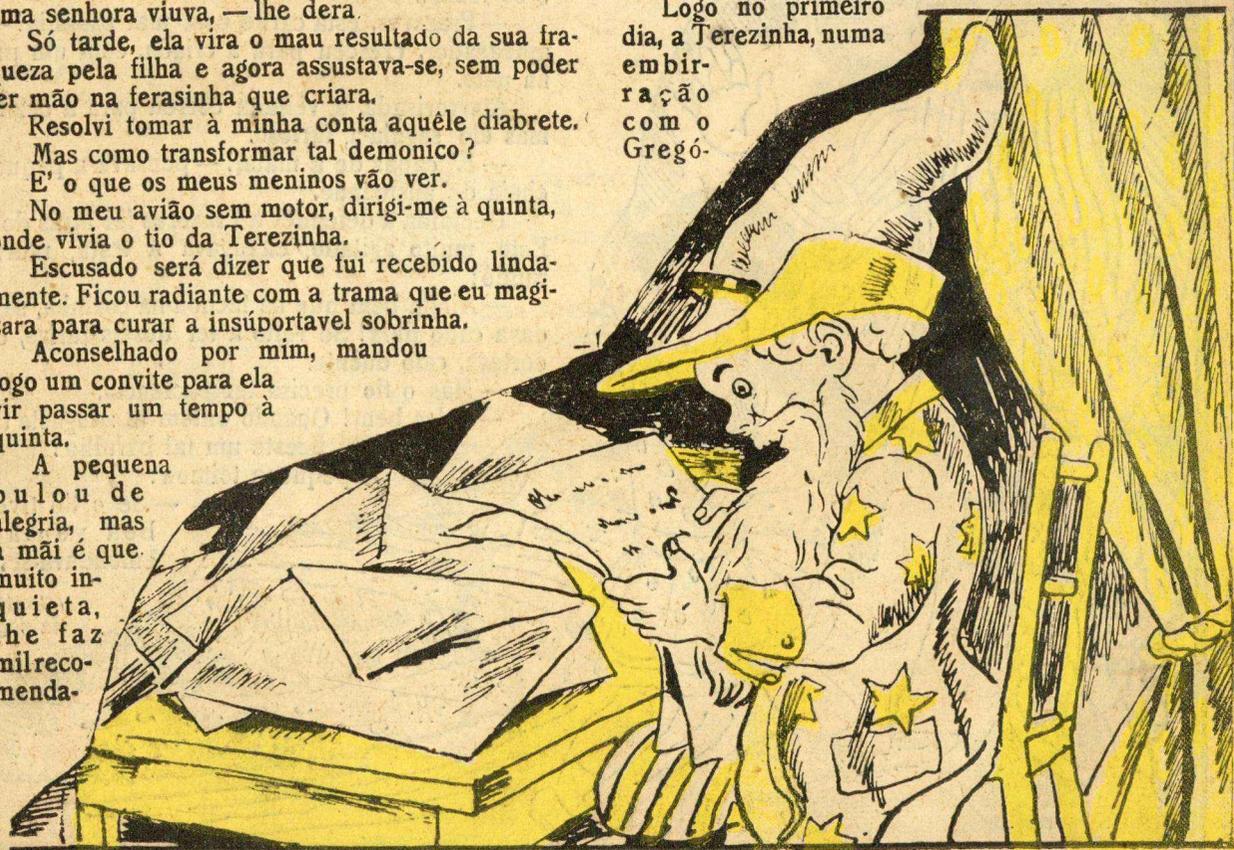
A pequena pulou de alegria, mas a mãe é que muito inquietá, lhe faz milrecomenda-

ções, antes da partida. Que tivesse juizo, se portasse como uma menina bem educada, sem caprichos, paciente para as rabugices do tio, e delicada com a criada Prazeres — uma velhota a quem deviam grande amizade.

Ora, antes da chegada da Terezinha à quinta, entre o patrão e a criada tinha havido uma conversa, em que eu também meti a colherada.

— Está bem, senhor Anão, pode ficar descansado. — Respondeu a boa Prazeres. — Seja o que fôr que suceda, de nada me admirarei.

Logo no primeiro dia, a Terezinha, numa embirração com o Gregó.



rio jardineiro, espezinhou os canteiros, arrancou flores e hastes de plantas, do bem cuidado jardim. Autoritária, disse mesmo ao espantado Gregório:

— Tens de mudar aquela roseira branca. Põe-a no canteiro, em frente da janela do meu quarto.

— A menina não sabe o que diz! A roseira está agora em flor, murcharia, se a tirasse dali.

— Eu a regarei! Faze já o que te digo! — Retorquiu ela, gritando.

— Quando o patrão mandar. — Respondeu, indignado, o jardineiro.

— O tio faz sempre o que eu quero! — exclamou a Terezinha, cada vez mais irritada.

E, furiosa, deu um tal pontapé nuns vasos, que eles quebraram-se e as plantas caíram no chão.

— Que menina tão má! — dizia o Gregório, desolado.

Mas o patrão, que chegava nesse momento, exclamou:

— Não digas isso! Eu até gosto de a ver assim! É tal qual como eu, quando tenho as minhas fúrias! — E dirigindo-se à Terezinha: — Estou encantado! És a única da família que herdaste o meu feitio!

Comprometida, ela gaguejou;

— Ah! o tio também tem estes ataques?

— Até me admiro como ainda não mostrei já, diante de ti, um pequenino exemplo das minhas irritações! Olha, fazemos esta combinação: tu hás-de perdoar-mas, como eu, também, perdão as tuas.

A' noite,



a pequena, numa voz receiosa, perguntou à Prazeres:

— O tio é assim de meter medo, quando se zanga?

— Já se vê que sim, menina. Um homem furioso, não é nenhuma brincadeira!

— A Terezinha, já não dormiu essa noite, descansada.

De manhã, ouviu o tio gritar:

— Quem é que teve o atrevimento de levar daqui o meu tinteiro?

— Fui eu, tio. Mas não se zangue, eu vou buscá-lo.

— Não preciso que me pagues sermões! Há mais dum quarto de hora que ando a procurá-lo!...

Apoplético, furibundo, batia com os pés no chão e a Terezinha teve um tal terror que o tinteiro lhe escapou das mãos e ela fugiu para o jardim.

Ao olhar o vestido cheio de nódoas de tinta e ao lembrar-se do estado em que, também, ficara o soalho, tremia, apavorada.

Mas, daí a bocado, o tio, já sereno, veio procurá-la.

— Porque fugiste? — perguntou-lhe o tio?

— Tive tanto medo de si! Viu-o tão zangado!...

— Ficamos sempre assim, quando perdemos a cabeça. Julgas, talvez, que ontem estavas mansa como uma pomba? E o pior é quando isto sucede, diante de estranhos! Como se divertem à nossa custa! É um defeito tão ridículo!...

Vexada, a Terezinha amou. Durante o almoço, não levantou a cabeça do prato.

Nisto, um murro violento fez tremer a louça e os vidros.

— Prazeres, esta carne está mal passada! — e, ameaçador, cresceu para a criada, com um prato na mão.

Aterrorisada, a velhota correu para a cozinha, mas ele seguia-a, furioso.

— E' capaz de a matar! — pensava a pequena, cheia de ansiedade.

Decidida a defender a Prazeres foi atrás do tio. Este, muito agitado, enxugava a testa, murmurando:

— Ainda bem que se fechou na cozinha, senão dava cabo dela! Se volto a ter destas fúrias, com certeza, caio doente.

— Mas o tio precisa ter paciência.

— Falas bem! Quando ontem te zangaste também tu fizeste um tal barulho!

A pequena teimou:

— Se o tio tivesse boa vontade, emendava-se.

(Continua na pag. 7)

O PAPAGAIO REAL

POR ZÉ D'ALDEIA

EM tempos que já lá vão,
(Tempos imemoriais)
Houve uma reunião
De todos os animais.

Tratava-se de saber,
Com muito bonitos modos,
Qual, pelo seu discorrer,
Seria o maior de todos!

Foi renhido êsse concurso,
Por vezes apaixonado,
Desde os mosquitos ao urso,
Tudo ali representado!

Era mister apurar,
Por entre provas cabais,
Quem se devia chamar
O rei dos irracionais.

Cantaram os passarinhos
As suas lindas canções;
Grilos, cigarras, ratinhos,
Patos, galos e leões!

Logo tudo, tudo, à uma,
A mostrar o seu saber...
Um grande concurso, em suma,
Para um júri resolver.

Este júri era formado,
Tendo como presidente,
Um macaco inteligente,
Dêsses de rabo pelado...

Secretários: o elefante
E um camelo do Saaráh...
Coisa assim tão importante
Não houve de então p'ra cá!

Vai passando a bicharada,
Que dá provas de saber,
E, quando já terminada



Essa tremenda massada,
O júri vai resolver.

O silêncio é sepulcral!
Há ordem e há compostura
Entre o povo irracional...
Mas, súbito, em certa altura,
O burro pôs-se a zurrar,
Dando largas aos pulmões...
Para poder provocar
Dêsse júri as atenções!

Zurrava assim,
Naquele tom
Bem conhecido,
O atrevido:

— «Hon!
«Hin!
«Hon!
«Hin!
«Hon!
«Hon! Hon! Hon!» —

O macaco dá um murro
E diz, então, para o urso:
— «Não acha? Quem nasceu burro,
«Não entra neste concurso!...» —

Causou o caso sussurro;
Até a burra murmura:
— «Meu marido foi um burro,
«Por zurrar em tal altura!...» —

Serenado o incidente,
Anuncia o presidente,
A guinchar com distinção:
— «Proceda-se a votação!...» —

Não vota o burro, coitado!
Pois do concurso excluído,
E' por todôs apupado:
— «Fôra! Fôra! O atrevido!» —

Estava à porta o papagaio,
A fazer papel de guarda;
E, vendo o burro de albarda,
Diz-lhe, olhando-o de soslaio:

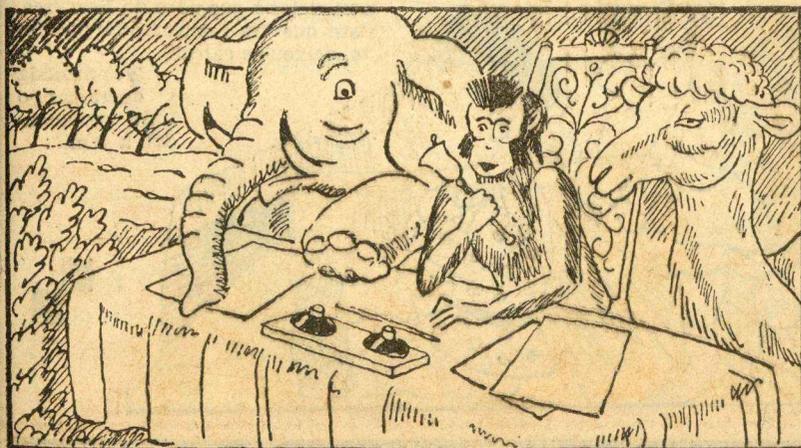
— «Com que, então, querias ser rei?
«Ora o grande toleirão!
«Tu não vês que só eu sei,
«(Pois para tal estudei),
«Cantar,
«Falar,
«Discursar,

«Como o rei da criação!
«Papagaio real,
«Para Portugal,
«Quem passa?
«E' o rei que vai à caça!»

E pôs-se a imitar
Lá do seu poleiro,
Todo chocarreiro,
Do burro o zurrar,
Do gato o miar,
Do cão o ladrar,
Do galo o cantar,
Do môno o guinchar!

A bicharada,
Voltou-se, logo, espantada!
Oh mas que caso invulgar!
Um papagaio a falar!
Para mais admiração
Como o rei da criação!

E a bicharada dizia,
A olhar-se boquiaberta:
— «Que grande sabedoria!
«Que cabeça tão esperta!» —



(Continua na página 6)

MIMI, NECAS e LÚLÚ

OUTRA AVENTURA Por LEONOR DE CAMPOS

« **A** I que aborrecimento!...» — suspirou Mimi.
«Também eu estou maçado!...» — disse Necas.
«E eu!...» — afirmou Lúlú.

Os três pequenos estavam na verdade aborrecidíssimos. Pudara!... O dia triste e chuvoso não lhes consentia o irem brincar para o quintal!...

Porisso, no quarto dos brinquedos, o nariz achatado contra os vidros da janela, eles abriam a boca, espreguiçavam-se, sentiam-se mal dispostos, desolados...

«Oh Lúlú! — disse, de súbito, a Mimi. — Então tu, hoje, não tens ao menos uma boa idéia?»

«Eu não! — respondeu Lúlú desconsolado. — Estou mesmo tapadinho de todo!»

«Ora, ora! — duvidou Necas. — Espreme lá essa mioleira! Pode ser que saia qualquer coisinha boa!...»

Lá fora, no quintal, passava agora o gato Farrusco, que aos saltinhos, para se livrar das póças de água, recolhia a casa.

Mimi, que era muito amiga do bichano, lamentou-o: «Coitadinho do Farrusco! Descalço, a molhar as patinhas... ainda apanha alguma constipação!...»

Lúlú teve uma idéia:

«E se nós lhe arranjassemos uns sapatinhos?»

Os irmãos aprovaram logo:

«Boa idéia!...»

«Vamos a isso!... Mas, como hão-de ser?»

A Mimi lembrou:

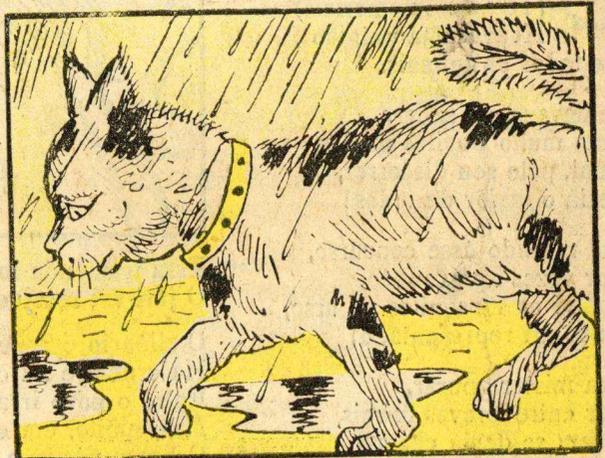
«Fazem-se uns de papelão!...»

«Olha que disparate!

Logo que se molhassem, — discordou o

Lúlú — desfaziam-se!...»

«É ver-



dade!» — concordou a Mimi, envergonhada da sua patitece».

«Alto!...» — Achei! — disse Necas, todo pimpão. — Tiram-se as capas de oleado aos nossos cadernos e fazem-se os sapatos com elas!...»

Lúlú franziu o nariz:

«Ná!... Isso também não serve! Se ele se lembrava de lhes deitar as unhas... era uma vez uns sapatos!...»

Calaram-se todos, pensativos. Mas o Lúlú, ao cabo de pouco tempo, exclamou:

«Esperem, que eu já venho!...»

Saiu a correr. Daí a pedaço regressava, com os bolsos inchados e um martelo. Os irmãos acercaram-se, curiosos. O Lúlú meteu a mão nos bolsos e tirou um punhado de nozes. Em seguida começou a parti-las cuidadosamente: com o martelo dava-lhes uma pequena pancada esforçando-se por abri-las ao meio. Comia e dava aos irmãos o recheio e punha as cascas de lado.

«Junta-se o útil ao agradável!» — dizia êle, com a boca cheia.

Logo que conseguiu reunir quatro metades completas de cascas de nozes, chamou o Narciso, o pequeno criado e ordenou:

«Vai buscar o Farrusco e o frasco da cola!»

Pouco depois aparecia de novo o Narciso, que trazia o gato e a cola.

Lúlú, então, encheu de cola as cascas das nozes e aplicou cada uma delas à sua pata do Farrusco. Este que era mansarrão e paciente, deixou-se calçar.

Terminada a operação, o Lúlú recomendou à irmã:



«Mimi, segura bem o bicho, para esperarmos que a cola seque!»

O gato, aninhado no colo da Mimi, sentia-se quentinho e deixava-se estar quieto. A petizada estava satisfeitíssima e apesar de impacientes por verem o gato a andar, esperavam que a cola secasse. O Lúlu revia-se orgulhoso na sua obra:

«Hein? Que dizem vocês à minha idéia? Agora o Farrusco fica bem calçado para toda a sua vida!»

E após uma pausa, acrescentou:

«Bom! Agora podes pô-lo no chão!»

A Mimi cumpriu a ordem... não sonhando o desfecho!...

O Farrusco, desabituaado de sapatos, não gostou de se ver calçado. Desatou aos saltos, a rebolar-se no chão, a esfregar as patas no focinho. E à medida que ia verificando a inutilidade dos seus esforços para se libertar do incómodo calçado, ia-se enfurecendo. Até que, no auge do



desespêro, se pôs a correr em volta da sala, soltando um Miau! Uff!... Miau... Uff!... de aterrar!...

Os três marotões assustaram-se. Cheios de medo, trepavam às cadeiras, escondiam-se atrás dos armários, buscavam em vão um refúgio que lhes permitisse escaparem-se às iras do gato. Mas o Farrusco, assanhado, não os deixava sossegar. Corria atrás dum, arranhava as pernas de outros, mordida todos.

Aos gritos dos pequenos acudiu a gente da casa. Mas ninguém se atrevia a agarrar o bichano!... Só a mãe dos endiabrados não perdeu a serenidade. Correu ao quarto dela e tirou um cobertor da cama. Sem perda de tempo voltou ao quarto dos brinquedos. E no momento em que o Farrusco, o pêlo eriçado, os olhos flamejantes, a miar desesperadamente, Miau! Miau! Uff! Uff!..., passava junto dela, lançou-lhe por cima o cobertor, imobilizando-o. Depois mandou buscar água morna e, com o auxílio das criadas, do Narciso e da Miss, conseguiu, após grandes esforços e alguns arranhões, descalçar o Farrusco.

Desta vez os pequenos diabretes não foram castigados pelos pais. O susto que apanharam e os arranhões nas pernas, foram para eles o melhor castigo.

Julgo que nunca mais voltarão a pensar em fazer sapatos para o Farrusco ou qualquer outro bicho!...

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

FESTIVAL do PIM-PAM-PUM

Conforme prometemos no nosso número anterior, publicamos, hoje, o primeiro cupão para o grande festival que o nosso suplemento oferecerá aos seus pequeninos leitores no meado do próximo mês.

O vosso querido Anão Sabichão, sempre incansável, no desejo de vos proporcionar horas alegres, vai organizar um programa sensacional, para a grande festa que terá lugar numa vasta casa de espectáculos, de maneira a poder comportar todos os seus inúmeros admiradores. No próximo número inseriremos o segundo cupão.



O CESTINHO da COSTURA

Por ABELHA MESTRA

Minhas queridas Abelhinhas

Satisfazendo o pedido da Maria Gabriela, trago-vos, hoje, este casalinho de peixeiras que, contentes e cantando, lá vão para a sua faina. Cheios de alegria e de côr, que regalo vai ser executá-los nos vossos trabalhinhos! E que variadas aplicações lhe podemos dar! Fatinhos de banho e de praia, bibes, guardanapos, almofadas, etc., em tudo este parsinho fará um vistão!

Também ficará muito engraçado, bordado sobre estopa de linho para um calendário. É indiferente executá-lo em ponto pé de flôr ou cadeia. Aplicam-se as côres da seguinte maneira.

Azul — saia da peixeira e lenço da cabeça.

Castanho — calças do peixeiro e barrete.

Amarelo — cêsto e cana da pesca.

Encarnado — cinta do peixeiro.

Verde — Blusa do peixeiro.

Côr de rosa — blusa da peixeira.

Côr de carne — caras, braços, mãos e pernas da peixeira.

Preto — chapéu da peixeira, cabelos e sapatos.

E agora espero que a Maria Gabriela me diga se ficou contente.

Para todas vão muitas saudades da

ABELHA MESTRA

ZÉZINHA — O desenho que me pediste da galinha com os pintainhos, sairá muito brevemente.

FERNANDA — O coelhinho só poderá ser publicado depois de satisfeito o pedido da Zézinha.



A FERASINHA AMANSADA

Continuação da página 2

— Experimenta tu, primeiro, e talvez eu te imite. Bem, vamos acabar o almoço, se ainda houver alguma coisa que comer.

Tal não sucedeu, porque o canito da casa aproveitara-se da balbúrdia e, deliciado, estava sobre a mesa, lambendo tudo.

Terezinha olhava, estarelecida, o tio. Outra vez, fóra de si, êle agarrara na sua boneca — e, com toda a violência, atirara-a ao chão que fugia.

— Tio! Tio! — gritava a Terezinha lavada em lágrimas. — Quebrou a cara à minha Lili!

Êle olhou, espantado, para o chão, onde jazia a boneca.

— Maldito mau gênio! Não há defeito pior! — disse compungido.

— Não há defeito pior! — repetiu, tristemente, a chorosa Terezinha, apertando nos braços a sua boneca mutilada. — Quanto mais penso nisto, mais me parece que devemos acabar, de vez, com êstes repentes. Sempre fazem cada estrago!...

E, animada, na sua resolução, acrescentou:

— Eu vou experimentar emendar-me.

— E eu seguirei o teu exemplo, Terezinha. Prometo, dorávante, só me enfurecer, quando tu tiveres alguma fúria.

— Então, meu querido tio, a nossa combinação, vai dar bom resultado.

Firme no seu propósito, a menina caprichosa, reagiu contra as suas impaciências e rabinices. Nunca mais houve, naquela casa, cenas desagradáveis!

A Terezinha tornou-se tão amavel que até ajudava, agora, o Gregório jardineiro, na sua faina, sempre muito sorridente e gentil!

E, quando a mãe a viu buscar, teve a enorme alegria de, em lugar dum demonico, levar consigo um anjinho!

— Vejam lá, como êste Anão, tornando, um bom tio, papão, fez da Terezinha, rabina, uma excelente menina!

■ F I M ■

